Enfim, um 'beijódromo' para Darcy

■ Fundação que leva o nome do antropólogo será inaugurada terça, em Santa Teresa, e reserva um espaço para o namoro

DANIELE LUA

As formas foram alteradas e o tamanho megalômano reduzido. O disco voador, projetado pelo antropólogo Darcy Ribeiro para abrigar em Brasília sua fundação assumiu contornos mais modestos e pousou em um casarão de 300 metros quadrados no bucólico bairro carioca de Santa Teresa. Mas a nova sede da Fundação Darcy Ribeiro, a ser inaugurada na terça-feira, conseguiu manter um desejo do polêmico senador: o *beijódromo*, um espaço ao ar livre reservado para o namoro. Mas não só para isso. Pelas charmosas mesas do jardim, o carioca poderá folhear alguns dos 30 mil volumes da biblioteca, assistir a centenas de fitas cassetes e de vídeo e terá a oportunidade de fuxicar toneladas de cartas e documentos que contam a vida de Darcy Ribeiro.

O mais novo espaço cultural da cidade abriga, além de arquivos de Darcy e de sua mulher Berta, a coleção de arte do professor, entre elas uma tela de Glauco Rodrigues e uma escultura de Brecheret. "É tanta coisa, que o espaço já está pequeno", relata Tatiana Memória, vice-presidente da Fundação. As mil caixas de correspondências e manuscritos ainda estão entulhados no galpão da casa. Para catalogar e organizar todos os documentos, livros e fitas, a Fundação fez uma parceria com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas e já reservou um espaço para a instalação do arquivo.

Nem mesmo a equipe que há três anos trabalha arduamente para organizar a memória do educador sabe o que há por debaixo dos plásticos pretos que resguardam a história da vida de Darcy Ribeiro. Tatiana lembra de ter visto cartas endereçadas e enviadas pelo presidente cubano Fidel Castro, pelo francês François Miterrand (1981-1985) e pelo português Mário Soares. "É impossível lembrar de tudo. É muita coisa. É a história deste país desde 1940", conta Tatiana, que ainda não conseguiu trazer para o Rio os arquivos de Darcy e Berta espalhados nas casas do casal em Montes Claros, Maricá e Brasília.

Condomínio – Foi Tatiana, aliás, que protagonizou a luta para que a Fundação conseguisse uma sede. Desde a morte de Darcy, em 1997, a instituição funcionava no apartamento do antropólogo em Copacabana até que a briga com o condomínio, que não via com bons olhos a permanência da instituição no prédio, se tornou insustentável. "O município nos prometeu uma sede e não cumpriu. O estado ofereceu alguns imóveis, mas que sairiam muito caros por causa da necessidade de reformas. Já pelo governo federal, não conseguimos encontrar um lugar. Por isso, tivemos que desistir do projeto original", conta Tatiana.

Patrimônio – A Fundação é mantida pelo patrimônio de Darcy e pelo dinheiro arrecadado com os direitos autorais das obras do antropólogo, publicadas em todo o mundo. Além do apartamento de Copacabana e dos livros da biblioteca, o patrimônio inclui uma casa em Maricá e as obras de arte. "Agora estamos na fase de captação de recursos. Nossa possibilidade de receita é mínima", conta a vice-presidente.

Apesar de estar no novo endereço há apenas um mês, a Fundação já planeja ampliações. O projeto, que está sendo tocado pelo arquiteto Marcelo Ferraz, prevê a construção de um segundo andar que abrigará um auditório, um bistrô, uma produtora de TV, além de uma sala de leitura para crianças e um pequeno teatro. "Nosso portão está permanentemente aberto. Não queremos nada comercial. Tem que ser tudo muito brasileiro", detalha Tatiana. A entrada da Fundação é gratuita.

Além da edição do livro inédito *Histórias Gáticas*, a Fundação também reeditará quatro obras esgotadas de Darcy: *A Fundação do Brasil - 1500/1700*; *Kadiwéu*; *Aos trancos e barrancos* e *A arte plumária dos índios Kaapor*.